

# ALFABETIZAÇÃO, PANDEMIA E PÓS-PANDEMIA: PERCEPÇÕES DE UM GRUPO DE PROFESSORES ALFABETIZADORES NO CONTEXTO DA COVID-19

LITERACY, PANDEMIC, AND POST-PANDEMIC: PERCEPTIONS OF A GROUP OF LITERACY  
TEACHERS IN THE COVID-19 CONTEXT

**Isaías dos Santos Ildebrand**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
isaias.brand@gmail.com

**Jenifer de Lima Machado**

Prefeitura Municipal de Taquara/RS  
jeni.lima.pedroso@gmail.com

**Juliane de Oliveira Alves Silveira**

Prefeitura Municipal do Rio Grande/RS  
julliane.aalves@gmail.com

## RESUMO

Este estudo buscou compreender as percepções de professores alfabetizadores sobre desafios e estratégias nos contextos pandêmico e pós-pandêmico, abrangendo o ensino remoto, o escalonamento e o retorno presencial. Para tanto, foi utilizado um questionário virtual aplicado a seis professores da rede pública de uma cidade do interior do Sul do Brasil. De abordagem qualitativa, a análise dos dados resultou em três categorias: (1) Adaptação Pedagógica no Ensino Remoto, (2) Desafios e Estratégias no Escalonamento e (3) Impactos e Adaptações na Alfabetização Pós-Pandemia. Espera-se que o estudo possa contribuir para a compreensão do impacto desses eventos na alfabetização, assim como fomentar reflexões, especialmente, no que se refere à alfabetização em contextos emergentes de aprendizagem.

**Palavras-chave:** Ensino Remoto. Pandemia. Pós-pandemia. Alfabetização. Educação.

## ABSTRACT

This study sought to understand literacy teachers' perceptions of the challenges and strategies in both pandemic and post-pandemic contexts, covering remote teaching, staggered approaches, and the return to in-person classes. To achieve this, a virtual questionnaire was administered to six public-school teachers in a city located in the interior of southern Brazil. Adopting a qualitative approach, data analysis resulted in three categories: (1) Pedagogical Adaptation in Remote Teaching, (2) Challenges and Strategies in the Staggered Approach, and (3) Impacts and Adaptations in Post-Pandemic Literacy. It is hoped that the study will contribute to understanding the impact of these events on literacy, as well as foster reflections, particularly regarding literacy in emerging learning contexts.

**Keywords:** Remote Teaching, Pandemic, Post-Pandemic, Literacy, Education.

## 1. INTRODUÇÃO

A pandemia de COVID-19 trouxe uma série de desafios para o campo da educação, especialmente no que se refere à alfabetização. O impacto dessa crise sanitária se estendeu para além da saúde pública, deixando marcas profundas nos setores sociais e econômicos. Para compreender o contexto em que a educação se viu inserida, é pertinente destacar que a pandemia teve início no final de 2019, inicialmente com casos de pneumonia identificados na China. Em questão de semanas, o vírus responsável, SARS-CoV-2, disseminou-se globalmente, e em 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) oficialmente declarou a COVID-19 como uma pandemia, dada a sua rápida disseminação e impactos abrangentes (Macedo, 2022). Nas instituições escolares brasileiras foi implementado o ensino remoto emergencial, na tentativa de diminuir a propagação do vírus nesses espaços de grande circulação, através do Decreto Legislativo nº 6, de 20 de março de 2020.<sup>1</sup>

Para conter a disseminação do vírus, medidas como restrições de movimentação, distanciamento social e a aceleração da vacinação em massa foram pertinentes, reverberando em toda a sociedade e transformando a forma como vivemos, trabalhamos e aprendemos. O setor educacional enfrentou uma transição abrupta para o ensino remoto e um retorno gradual às aulas presenciais, forçando os educadores a repensar suas abordagens pedagógicas em um cenário sem precedentes. Tornou-se essencial realizar análises aprofundadas sobre como os professores lidaram com esses desafios e mudanças, especialmente porque nós, professores, vivenciamos diretamente os efeitos da pandemia, que ainda persistem nas escolas e impactam fortemente a alfabetização. Ademais, o desafio histórico da alfabetização em nosso contexto nacional foi agravado pelos desdobramentos da pandemia, reforçando a urgência de investigar as percepções dos docentes sobre as dificuldades e estratégias adotadas nos distintos estágios pandêmicos e pós-pandêmicos.

Além disso, esse estudo busca colaborar para a construção de aspectos relevantes para professores, gestores educacionais e formuladores de políticas públicas, contribuindo para a criação de diretrizes e abordagens que possam promover o direito à educação de qualidade no ensino da alfabetização. Assim sendo, por meio do viés qualitativo, fundamentado em Gil (2002) para compreender as percepções dos professores alfabetizadores em meio à pandemia e pós-pandemia selecionou-se um grupo de seis professores, com base em critérios específicos, para responder a um questionário estruturado via Google Formulários. Após ajustes no questionário, os participantes tiveram 15 dias para respondê-lo. A análise dos dados foi realizada utilizando a Análise de Conteúdo (Bardin, 2016), resultando em três categorias: “Adaptação Pedagógica no Ensino Remoto Emergencial durante a Pandemia,” “Desafios e Estratégias no processo de Escalonamento,” e “Impactos e Adaptações Pós-Pandêmicas na Alfabetização”. Este estudo também apresentará o perfil dos professores participantes.

O presente artigo está dividido em quatro seções, além da introdução. A seguir será apresentado a fundamentação teórica que orienta este trabalho, logo após a metodologia utilizada para a produção dos dados; a análise dos dados e por fim as considerações finais.

---

<sup>1</sup> Maiores informações disponíveis em: <<https://www.planalto.gov.br>>. Acesso em: 1º dez. 2024.

## 2. COMPREENDENDO O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO NA PANDEMIA E NA PÓS-PANDEMIA

A educação no Brasil, em diversos momentos, esteve rodeada de desafios, as disparidades sociais, a diversidade regional, a constituição histórica do país, que por anos excluiu diferentes grupos sociais e a alfabetização por sua vez, encontra-se dentro desse contexto. Assim, a partir desse cenário plural e complexo, podemos refletir sobre os desafios que sobrepõem a alfabetização. Neste trabalhamos e defendemos que a alfabetização precisa ser entendida para além de um processo de juntar fragmentos de sílabas e formar palavras, não que esse processo por si só seja algo simples, mas não podemos resumi-la a esse ato. Segundo Soares (2007, p. 27) a alfabetização é o “Processo de apropriação da tecnologia da escrita”, isto é, do conjunto de técnicas -procedimentos, habilidades necessárias para a prática da leitura e da escrita[...].”

A alfabetização vai além do conhecimento das letras e sua reprodução gráfica, envolvendo a compreensão da função social da escrita como representação da fala, um processo abstrato que ocorre quando a leitura e a escrita ganham significado para o aprendente. Isso inclui entender que as letras, combinadas, reproduzem expressões e têm uma finalidade que transcende a mera reprodução gráfica. Já o letramento, como complemento, refere-se à capacidade de inserir essas habilidades em contextos sociais e pessoais. Soares (2007) destaca que, embora distintos, alfabetização e letramento são processos interligados, sendo a alfabetização uma construção histórica que ultrapassa a codificação de símbolos. Mainardes (2021) ressalta a complexidade desse processo, especialmente para crianças, jovens e adultos, que demandam mediação intensa e adequada devido às limitações impostas pela falta de autonomia na leitura e escrita.

A interação, a criação de hipóteses, as trocas entre os pares e o docente são essenciais para que essa construção aconteça, contudo, pensando no contexto pandêmico, seria possível pensar em uma alfabetização sem contato presencial? Sem analisar as hipóteses do que os alunos já conseguiram construir? Quais recursos usar? Como manter o vínculo e a aprendizagem? Essas e outras indagações se fizeram presentes entre professores, estudantes, familiares, pesquisadores, estudiosos e toda comunidade em geral.

Como parte de uma investigação preliminar visando compreender as pesquisas pertinentes à temática abordada neste estudo, conduzimos uma revisão de literatura. Esta revisão foi baseada em buscas sistemáticas realizadas em periódicos de destaque, incluindo Momento<sup>2</sup> Diálogos em Educação - Revista do Programa de Pós-graduação pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e Revista Brasileira de Alfabetização (RBA). Embora não tenhamos utilizado todos os trabalhos identificados como referências diretas neste estudo, eles desempenharam um papel fundamental ao catalisar o aprofundamento teórico necessário ao contexto da pesquisa em questão.

Esse processo ampliou a compreensão do panorama acadêmico relevante e áreas para investigação adicional delimitadas posteriormente nas categorias e unidades temáticas, contribuindo assim para a robustez conceitual e metodológica deste trabalho. O período selecionado para a busca abrangeu os anos de 2020 a 2023, permitindo assim contemplar as últimas edições e as contribuições mais recentes da literatura relacionada à temática escolhida. A delimitação desse recorte temporal tem como objetivo garantir que a revisão seja atualizada e incorporar os avanços e discussões mais recentes envolvendo a alfabetização e a pandemia. Para realizar as buscas, utilizamos as palavras-chave

2 Na Revista Momento Diálogos em Educação foram encontrados sobre o tema no ano de 2021, 19 artigos, em 2022, 6 artigos, e em 2023, 5 artigos.

“alfabetização”, “pandemia” e “pós-pandemia”. Essas palavras de pesquisa foram selecionadas para direcionar a busca aos estudos que abordassem a interseção entre a alfabetização e o contexto da pandemia.

Com base nos estudos e pesquisas produzidos e que ainda vem sendo realizados, podemos perceber que muitos foram os desafios que permearam o processo de alfabetização, no contexto de pandemia e continuam presentes no pós-pandemia. Nesta investigação, entendemos pertinente destacar, que vivenciamos diferentes cenários e momentos que constituíram o contexto pandêmico no processo de enfrentamento ao vírus, que a seguir iremos brevemente destacar. No contexto geral, a pandemia se refere a um período de emergência global causado pela propagação da Covid-19. Durante esse período, medidas inéditas foram tomadas para conter a disseminação do vírus, afetando e influenciando em todos os aspectos da vida, incluindo a educação. Já o termo pós-pandemia se refere ao período subsequente à crise sanitária, marcado pela recuperação gradual das atividades sociais, econômicas e educacionais. Durante a pós-pandemia, é esperado que haja um processo de reconstrução e adaptação às mudanças ocorridas durante o período pandêmico, com um foco significativo na recuperação e na resiliência.

Durante a pandemia, diferentes práticas foram adotadas pelas instituições educacionais para garantir a continuidade do ensino. O ensino remoto emergencial foi uma estratégia amplamente utilizada, permitindo que os alunos continuassem a ter acesso à educação mesmo durante o período de distanciamento social. Além disso, algumas instituições implementaram o escalonamento ou escalas de grupos, dividindo os alunos em grupos menores que frequentavam a escola em dias alternados para reduzir o contato e minimizar o risco de transmissão do vírus. À medida que as condições sanitárias melhoram, o retorno gradual das atividades presenciais torna-se uma prática comum, com protocolos rigorosos de segurança em vigor para proteger a saúde dos alunos e educadores (Ferreira, Michel e Nogueira, 2022; Mainardes, 2021).

Vale destacar que diferentes municípios e instituições assumiram abordagens diversas diante das diferentes realidades locais. No geral, o município em questão dos participantes de pesquisa adotou uma organização que incluiu o ensino remoto emergencial, o escalonamento ou escalas de grupos e o retorno gradual das atividades presenciais.

No período do ensino remoto emergencial, compreendido de março de 2020 à meados de junho de 2021<sup>3</sup>, os alunos não frequentavam a escola, não tendo contato direto com os professores. Como demonstra a pesquisa Retratos da Alfabetização na pandemia da Covid-19 no Brasil: resultados de uma pesquisa em rede (Macedo, 2022) as atividades escolares, mesmo nas distintas realidades escolares do país, foram aproximadas, ou seja, realizadas através de atividades impressas, ou através de ferramentas digitais, tais como: google sala de aula, drive, whatsapp entre outros, no qual as atividades eram organizadas semanalmente e postados ou impressas para retirada e retornaram na semana seguinte, dependendo da realidade de cada localidade.

O retorno ao ensino presencial, inicialmente ocorreu de maneira facultativa às famílias, e na maioria das realidades escolares. Referente às considerações e o retorno ao presencial, recorreu-se a Ferreira, Michel e Nogueira (2022, p. 114), que denotam “Se, por um lado, a escola é um importante espaço de convívio social, de aprendizagem e de troca de saberes, por outro lado, manter as crianças em casa, com segurança, é uma questão que envolve cuidado e proteção com as suas vidas e as de seus familiares. Nesse sentido, seguindo as reflexões teóricas das autoras (2022), se reconhece que essa decisão não foi

3 Nos referimos ao período relativo à realidade dos professores investigados, tendo presente que pode haver alteração deste em outras experiências.

simples, pois envolveu ponderar benefícios educacionais e sociais com riscos à saúde. A ênfase na importância da escola como um ambiente fundamental para o desenvolvimento dos estudantes foi contraposta à necessidade de precaução diante de um cenário ainda permeado pela incerteza da pandemia.

O retorno ao ensino presencial foi marcado ainda pela organização em forma de escalonamento, buscando cumprir a medida de distanciamento social colocado pelos protocolos sanitários. A organização por meio de escalonamento, se caracteriza por uma quantidade de educandos que frequentava a escola em um determinado período, enquanto outros realizavam atividades em suas casas, ocorrendo alternância entre os grupos, que poderia ser semanal ou quinzenal. Aqueles que optavam por manter-se no ensino remoto, continuavam a realizar atividades sem a presencialidade na escola, mas através de plataformas, whatsapp ou atividades impressas.

Esta forma de retomada das aulas exigiu uma organização complexa de rodízio, em que parte dos alunos ia para a escola e parte ficava em casa. Além disso, pedia uma definição em relação ao intervalo de tempo em que tal rodízio funcionaria, a depender da decisão de cada escola, em razão da quantidade de alunos (Tassoni; Brito, 2022, p. 14).

Realidade mantida até o retorno às aulas de forma presencial obrigatório, que no Rio Grande do Sul, ocorreu em outubro de 2021, através do Decreto nº 56.171, o que ainda por um tempo se manteve em forma escalonada.<sup>4</sup> Contudo, o período de pós-pandemia se deu oficialmente declarado em 2023, segundo Mingote (2023), Tedros Adhanom, diretor-geral da Organização Mundial da Saúde (OMS) da Organização das Nações Unidas (ONU), declarou em maio do corrente ano, o fim da COVID-19, como uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII).

Com esse novo período de pós-pandemia novos questionamentos surgem. Será que as mudanças impostas pela pandemia ainda persistem ou passaram sem deixar consequências? Acerca desses questionamentos, ressaltamos os dados de uma pesquisa realizada pelo Instituto Nacional de Pesquisas (INEP), destacando que o Brasil ficou à frente de apenas cinco países em avaliação internacional de alfabetização, aplicada em 65 nações. A defasagem na alfabetização não é de hoje, mas a pandemia trouxe ainda mais desafios a esse processo. (Brasil, 2023).

Problemas em relação à educação no Brasil, e no contexto de alfabetização são preocupações históricas. Nesse sentido os desafios já eram existentes, mas a pandemia os trouxe em evidência e mostrou o quanto a disparidade social está presente em nossa sociedade. Na pandemia foi possível perceber que ambas as redes pública e privada foram afetadas, no entanto em relação à rede pública, é perceptível que os desafios foram ainda maiores, tanto pela falta de equipamentos necessários, quanto o acesso adequado a internet, e na pós-pandemia esses desafios ainda persistem, com muitos reflexos do ensino remoto emergencial, uma vez que diversos grupos retornaram sem ter tido acesso à educação no período pandêmico, como afirma Mainardes (2021, p.62) que “[...] a pandemia e o (ERE) causaram um impacto significativo no processo de aprendizagem dos alunos e, possivelmente, levará algum tempo para recompor as perdas, defasagens e dificuldades”.

Pensar e refletir o contexto da pandemia e pós-pandemia, na alfabetização, implica em olhar para esse processo como um todo, para assim se criem diretrizes e abordagens que possam promover o direito à educação de qualidade no ensino da alfabetização.

---

4 Através do decreto SES/SEDUC/RS Nº 02/2021 que orientou o distanciamento mínimo de 1 metro entre os estudantes [...] as instituições que não puderem assegurar o distanciamento mínimo devido ao tamanho do espaço físico escolar poderão adotar o sistema de revezamento dos estudantes.” (Kannenber, 2021). Disponível em: <https://estado.rs.gov.br/governo-publica-decreto-que-torna-obrigatorio-o-retorno-as-aulas-presenciais-no-rs>. Acesso em: 13 dez. 2023.

### 3. METODOLOGIA: CONTEXTUALIZANDO OS CAMINHOS DO ESTUDO

Este estudo caracteriza-se em um viés qualitativo, seguindo os pressupostos metodológicos de Gil (2002), a pesquisa qualitativa fornece uma base sólida para aqueles que buscam explorar novos conhecimentos dos fenômenos em seu contexto, oportuniza uma visão abrangente e orientações sobre como conduzir pesquisas qualitativas de maneira significativa.

O objetivo geral do estudo buscou compreender as percepções dos professores alfabetizadores sobre o contexto da pandemia e pós-pandemia. Além disso, teve como objetivos específicos, analisar os desafios e estratégias dos professores nos distintos momentos temporais vivenciados pelo cenário da pandemia e pós-pandemia e traçar o perfil do grupo de professores participantes do estudo de uma escola pública municipal da região metropolitana de Porto Alegre.

Os docentes foram contatados a partir de um convite realizado pela Coordenadora Pedagógica de uma escola localizada nessa região. Para tanto, mediante o intuito de compreender as percepções de um grupo de seis professores alfabetizadores, cinco mulheres e um homem, que lecionam em instituição de ensino público municipal, foram selecionados com base em critérios relacionados à *(i)* experiência na área de alfabetização, *(ii)* ser professor alfabetizador durante a pandemia e *(iii)* estar atuando nas etapas de alfabetização. Os seis professores convidados aceitaram participar da pesquisa.

Para a produção dos dados, a pesquisa adotou uma abordagem qualitativa se valendo de um questionário estruturado através do Google Formulário com vinte e cinco perguntas, que foi enviado aos professores eletronicamente. Após a elaboração inicial, convidamos outros três professores aleatórios para responderem ao questionário, em formato “piloto”, a fim de avaliar a clareza, a relevância e a abrangência das perguntas. Esse processo foi essencial para ajustar e aprimorar o instrumento, garantindo que as questões fossem compreendidas de maneira consistente pelos participantes.

O questionário foi desenvolvido com base em questões planejadas, permitindo que os participantes respondessem a perguntas sobre o contexto da pandemia e pós-pandemia. A escolha pelo questionário visou simplificar a coleta de dados, garantindo a confidencialidade das participantes. Vosgerau, Meyer e Contreras (2017) destacam que abordagens como questionários podem ser exploradas nas compreensões e pesquisas que olham para a docência e para o relato de narrativas de professores.

Os participantes tiveram o período de 15 dias para preenchê-lo, após, as perguntas foram analisadas a partir da Análise de Conteúdo (Bardin, 2016), proporcionando uma estrutura metodológica sólida para a compreensão profunda das percepções dos professores diante dos desafios impostos pelos diferentes momentos da pandemia e pós-pandemia. Para o tratamento analítico dos dados, realizamos primeira a etapa da pré-análise através da leitura flutuante, para aproximação com os dados e conhecimento dos mesmos.

Essa organização foi efetuada de maneira sistemática, agrupando respostas semelhantes e identificando padrões recorrentes nas narrativas dos professores e a partir desta etapa indicamos Unidades Temáticas emergentes que originaram as categorias, refletindo uma faceta única das experiências dos educadores, proporcionando uma visão situada das estratégias adotadas, dos obstáculos enfrentados e das adaptações implementadas em resposta aos distintos desafios enfrentados durante a pandemia e no período pós-pandêmico.

Após esse movimento, procedemos com a organização dos dados, levando ao processo de categorização que resultou em três categorias: “Adaptação Pedagógica no Ensino Remoto Emergencial durante a Pandemia,” “Desafios e Estratégias no processo de Escalonamento,” e “Impactos e Adaptações Pós-Pandêmicas na Alfabetização”, as quais serão apresentadas a seguir, além do perfil dos professores participantes.

## 4. ANÁLISE DE DADOS: DESCRIÇÃO E REFLEXÃO COM BASE NO QUESTIONÁRIO

### 4.1 O perfil dos professores participantes: atuação pedagógica no contexto pandêmico

As respostas dos professores foram analisadas qualitativamente a fim de ampliar a compreensão das percepções sobre as práticas da alfabetização em contextos de aprendizagem remota e pós-pandemia. Destaca-se que as contribuições dos professores participantes e as análises realizadas neste estudo foram fundamentais para entender as experiências de ensino, especialmente no âmbito da alfabetização, considerando os impactos da pandemia na educação.

Primeiramente, buscamos identificar o perfil dos seis professores alfabetizadores participantes deste estudo, visando compreender características relevantes, como faixa-etária, tempo de atuação na docência, formação acadêmica e a presença de pós-graduação. No que tange à faixa-etária, a amostra revelou uma diversidade etária entre os participantes. Dois professores (33,3%) situam-se na faixa etária de 41 a 50 anos, um professor (16,7%) supera a marca dos 50 anos, enquanto 3 professores (50%) encontram-se na faixa etária de 30 a 40 anos.

No que concerne à experiência profissional, os dados revelaram uma variedade considerável. Um contingente de dois professores (33,3%) relatou possuir uma trajetória de menos de 5 anos no exercício da docência alfabetizadora, denotando uma presença expressiva de profissionais em estágios iniciais de suas carreiras. Adicionalmente, um participante (16,7%) indicou uma experiência de 5 a 10 anos, enquanto dois professores (33,3%) possuem uma bagagem com 11 a 20 anos de atuação. Um docente (16,7%) destacou uma experiência que ultrapassa duas décadas. No âmbito da formação acadêmica, cinco professores (83,3%) são graduados em Pedagogia, e um professor (16,7%) graduado em História com formação em curso normal - magistério. No que diz respeito à continuidade dos estudos, os dados denotam que cinco participantes (83,3%) indicaram possuir pós-graduação, a nível de especialização e 1 não possui.

No que se refere ao tempo dedicado durante o ensino remoto emergencial, os resultados indicaram que a maioria dos professores (83,3%) trabalhou predominantemente dois turnos. Por outro lado, um docente (16,7%) concentrou e concentra suas atividades em um turno. Quanto à carga horária atual, a maioria dos professores (83,3%) continuou trabalhando em dois turnos. Além disso, no contexto específico da alfabetização, durante o ensino remoto emergencial, os professores apresentaram uma distribuição equitativa nas faixas-etárias atendidas. Dois docentes (33,3%) direcionaram seus esforços para o 1º ano do Ensino Fundamental, enquanto outros dois (33,3%) concentraram-se no 2º ano do mesmo ciclo. Uma parcela (33,3%) voltou suas atenções ao 3º ano.

Após breve caracterização dos alfabetizadores participantes deste estudo, apresentamos a seguir as categorias advindas do processo de análise dos dados.

### 4.2 “[...] *Tivemos que aprender na marra a lidar com muitas ferramentas* [...]”: Adaptação Pedagógica no Ensino Remoto Emergencial durante a Pandemia

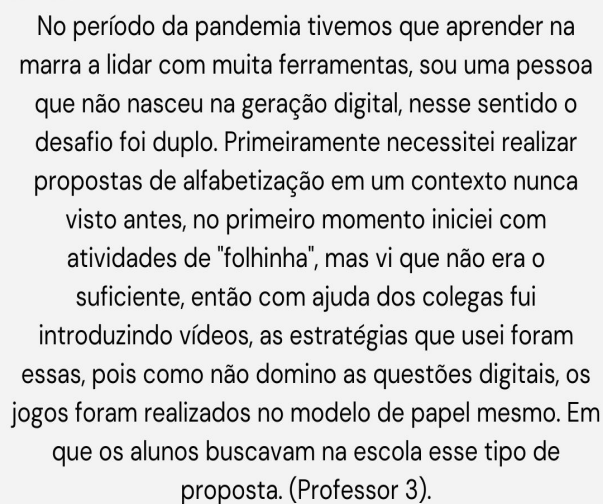
No período do ensino remoto, as respostas dos professores se mostraram pertinentes para entender os desafios iniciais, como a adoção repentina do ensino remoto emergencial, o envolvimento com tecnologias e as estratégias específicas adotadas para promover a alfabetização

em situação de distanciamento social. A variação no nível de envolvimento com ferramentas digitais e a diversidade nas estratégias empregadas destacaram a complexidade desse cenário, centrando-se nas experiências e desafios enfrentados pelos professores alfabetizadores participantes da pesquisa e atuantes no contexto de alfabetização durante o período de ensino remoto emergencial.

Os professores demonstraram flexibilidade e capacidade de se ajustar às novas circunstâncias, reformulando suas práticas para atender às demandas específicas do ambiente virtual. O foco na adaptação pedagógica refletiu a natureza dinâmica e situada do trabalho desses educadores, destacando suas contribuições no contexto do ensino remoto. O contexto desafiador da pandemia impôs aos professores a necessidade de redefinir suas abordagens pedagógicas, especialmente no que diz respeito ao uso de tecnologias e estratégias de alfabetização durante as aulas remotas. Essa perspectiva também foi indicada no estudo de Colello (2021), destacando o contexto desafiador do ensino remoto durante a pandemia, salientando as perspectivas e estratégias de alfabetização que precisaram ser remodeladas, como evidenciado pelos depoimentos dos educadores. A exploração intensificada de recursos tecnológicos, destacada no estudo (Colello, 2021), refletiu a adaptação necessária para envolver os alunos de maneira virtual.

Ao serem perguntados sobre as estratégias específicas adotadas para promover a alfabetização em um contexto de aprendizagem remota, as respostas indicaram uma gama diversificada de abordagens. Três professores optaram por uma tentativa de integração mais intensiva de tecnologias, utilizando o Google Sala de Aula, vídeos e reuniões on-line pelo WhatsApp. Por outro lado, um professor reconheceu a baixa participação dos alunos, resultando na não adoção de estratégias específicas. A abordagem criativa, incorporando vídeos e jogos em formato de papel, evidencia a resiliência diante das adversidades tecnológicas.

Figura 1 – Excerto do questionário com base no uso das tecnologias



No período da pandemia tivemos que aprender na marra a lidar com muita ferramentas, sou uma pessoa que não nasceu na geração digital, nesse sentido o desafio foi duplo. Primeiramente necessitei realizar propostas de alfabetização em um contexto nunca visto antes, no primeiro momento iniciei com atividades de "folhinha", mas vi que não era o suficiente, então com ajuda dos colegas fui introduzindo vídeos, as estratégias que usei foram essas, pois como não domino as questões digitais, os jogos foram realizados no modelo de papel mesmo. Em que os alunos buscavam na escola esse tipo de proposta. (Professor 3).

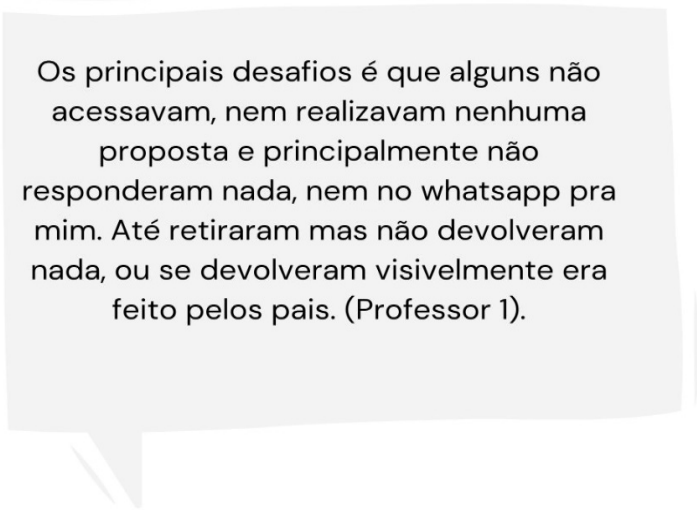
Fonte: Elaborada pelos autores com base no acervo da pesquisa (2023).

O excerto da Figura 1 denota o contexto desafiador da pandemia, que impôs aos professores a necessidade de redefinir suas abordagens pedagógicas, especialmente no que diz respeito ao uso de tecnologias e estratégias de alfabetização durante as aulas remotas. Essa perspectiva também foi indicada no estudo de Colello (2021), destacando o contexto desafiador do ensino remoto emergencial durante a pandemia, salientando as perspectivas e estratégias de alfabetização que precisaram ser remodeladas, como evidenciado pelos depoimentos dos educadores.

O questionamento sobre os principais desafios encontrados durante o ensino não presencial ofereceu uma visão abrangente das dificuldades enfrentadas pelos professores no contexto da pandemia. Dentre as respostas, surgem temas recorrentes, como a participação mínima dos alunos, a falta de envolvimento das famílias nas atividades propostas e os obstáculos relacionados ao acesso à tecnologia. Os professores destacaram a dificuldade em obter feedbacks e devoluções de atividades, evidenciando a complexidade de manter uma conexão de sucesso com os estudantes à distância. Além disso, a falta de contato presencial foi apontada como um desafio emocional significativo, ressaltando o papel vital da interação social no ambiente escolar. Nesse sentido, sobressai-se a dificuldade específica em acompanhar a devolutiva das atividades também apontada por Ferreira, Michel e Nogueira (2022, p. 124), que destacaram “[...] a dificuldade em acompanhar o desenvolvimento das crianças, porque na devolutiva das atividades não havia a presença de erros; a interferência direta dos pais e/ou responsáveis no desenvolvimento dessas tarefas [...]”.

Próximo a essa realidade, abordando sobre o ensino remoto os alfabetizadores destacaram desafios persistentes no ensino não presencial, como a falta de acesso e participação de alguns alunos, sendo que uma das professoras enfatizou a ausência de retorno das propostas pedagógicas, evidenciando dificuldades de engajamento e comunicação, além de indicar a possibilidade de ajuda dos pais nas atividades, ressaltando a complexidade da interação remota.

Figura 2 – Excerto do questionário com base nos desafios da pandemia



**Os principais desafios é que alguns não acessavam, nem realizavam nenhuma proposta e principalmente não responderam nada, nem no whatsapp pra mim. Até retiraram mas não devolveram nada, ou se devolveram visivelmente era feito pelos pais. (Professor 1).**

Fonte: Elaborada pelos autores com base no acervo da pesquisa (2023).

Ao encontro do excerto acima, encontramos similaridade com os dados apresentados na pesquisa realizada em âmbito nacional (MACEDO, 2022) que mapeou e identificou o retrato da pandemia da Covid-19 no Brasil. A referida pesquisa aponta o quanto foi recorrente nas diferentes realidades do país, os desafios do acesso tecnológico aos estudantes das escolas públicas, que em sua maioria

não tiveram condições de conectividade para acompanhamento das aulas, principalmente dos mais vulneráveis. Além disso, as dificuldades dos familiares em apoiar as crianças no processo de alfabetização se mostrou um outro agravante, pois para a realização das atividades das crianças dependiam de um adulto alfabetizado para a realização da mesma.

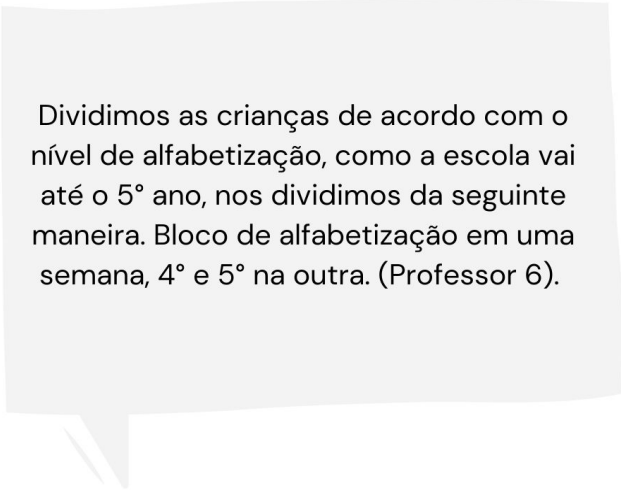
Segundo Machado; Giovani (2022) compreende-se que, para além dos desafios cotidianos na busca pela subsistência e cuidado em um momento singular de nossa história, as famílias que tiveram crianças em idade escolar no período da pandemia frequentemente se viram, muitas vezes, incapacitadas de orientar e facilitar muitas das atividades pedagógicas relacionadas à alfabetização de seus filhos. Os autores ressaltam ainda que essa limitação pode decorrer de carências materiais, falta de conhecimento, eventualmente de paciência ou até mesmo da desconfiança em relação a uma escola que, para muitos, acabou por terceirizar suas responsabilidades.

Essa realidade é especialmente acentuada durante a pandemia, quando a transição para o ensino remoto emergencial amplificou as disparidades no acesso à educação. Vale ressaltar que, em muitos casos, as próprias famílias dos alunos, que também podem incluir professores, estavam sobrecarregadas e enfrentavam suas próprias dificuldades durante esse período desafiador. Assim, torna-se essencial considerar não apenas as limitações percebidas pelas famílias, mas também as complexidades e pressões que muitos lares enfrentaram diante das circunstâncias únicas da pandemia. A seguir, olha-se para o contexto de retorno presencial em formato escalonado e os desafios que persistiram nesta organização educacional.

#### **4.3 “[...]Dividimos as crianças de acordo com o nível de alfabetização [...]”: Desafios e Estratégias no processo de Escalonamento**

Entender o retorno parcial se torna pertinente neste estudo, já que surge como uma forma de compreender as medidas de retorno ao ensino presencial, mediante as percepções dos professores. Os docentes descreveram uma transição diversificada, combinando práticas presenciais e o uso continuado de tecnologias. Aqui, observou-se uma adaptação às novas demandas, com a organização do ensino em semanas alternadas, visando mitigar os desafios do contexto pós-pandêmico, como podemos acompanhar na fala do Professor 6.

Figura 3 – Excerto do questionário sobre a organização do contexto da alfabetização



Dividimos as crianças de acordo com o nível de alfabetização, como a escola vai até o 5º ano, nos dividimos da seguinte maneira. Bloco de alfabetização em uma semana, 4º e 5º na outra. (Professor 6).

Fonte: Elaborada pelos autores com base no acervo da pesquisa (2023).

“Dividimos as crianças de acordo com o nível de alfabetização [...]” evidencia uma estratégia organizacional adotada para lidar com o escalonamento durante o período de escalonamento. A fala do professor indica uma abordagem específica, reconhecendo as diferentes necessidades e níveis de alfabetização dos alunos. Ao mencionar a divisão em blocos, o Professor 6 demonstrou a busca por uma gestão pedagógica mais personalizada, onde as crianças são agrupadas de acordo com seu estágio de alfabetização. Essa prática reflete a atenção à heterogeneidade da turma, reconhecendo que alguns alunos podem necessitar de mais suporte enquanto outros estão em estágios mais avançados mediante a organização por níveis da alfabetização. A categoria reflete, assim, um cenário educacional desafiador, onde os professores se deparam com obstáculos práticos e demonstram resiliência e flexibilidade.

Pensando nos níveis de alfabetização, denota-se que a flexibilidade organizacional no contexto do ensino remoto emergencial precisou se adaptar às condições e desafios impostos pela pandemia, já que alguns estudantes retornaram à escola com lacunas de aprendizagem evidentes (Macedo e Cardoso, 2022). A abordagem de dividir as crianças de acordo com o nível de alfabetização pareceu ser uma resposta prática e pertinente para lidar com a heterogeneidade nos grupos de alfabetização e otimizar o tempo de ensino e as práticas em um ambiente escalonado.

Ao serem questionados como adaptaram suas práticas durante esse período foi possível analisar a constante referência a desafios inerentes ao processo de escalonamento e às estratégias adotadas pelos educadores para enfrentá-los. As palavras-chave que emergiram com frequência nas respostas incluíram “organização”, “desinteresse”, “rotina”, “avaliações”, “presença irregular”, “escalas”, “progresso”, “anotações” e “alívio”. Esses termos delinearão os principais pontos de atenção e estratégias empregadas pelos professores durante o escalonamento. As estratégias diferenciadas, como a realização de avaliações quando os alunos estavam na escola ou a opção por não realizar avaliações, revelam adaptações à nova dinâmica imposta pelo escalonamento.

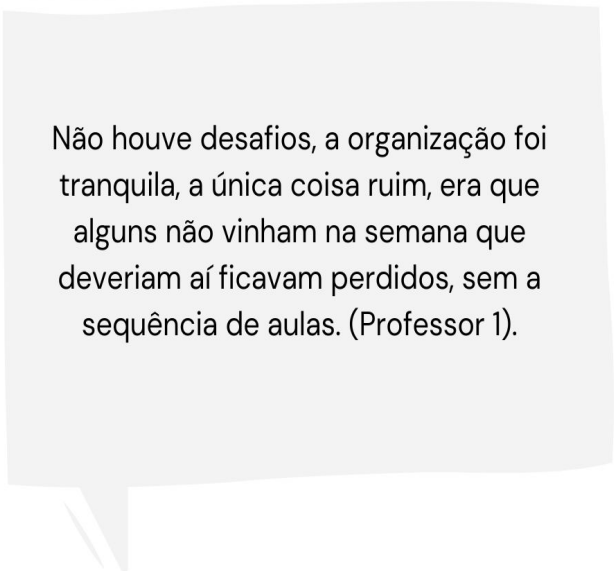
Diferentes organizações foram realizadas nas turmas atendidas pelos professores, além da divisão da turma por níveis de alfabetização, houve também abordagem alternada entre semanas presenciais e remotas, priorizando conteúdos teóricos nas primeiras e atividades práticas nas últimas em detrimento de outra realidade em que a professora fez uso do ambiente virtual do Google Sala de Aula, enviando atividades para casa nas semanas remotas subsequentes às presenciais. No caso do participante 4, houve a diferenciação do nível de complexidade das tarefas entre as modalidades presencial e remota, adaptando-se à dinâmica de cada ambiente, assim na escola os alunos realizavam propostas mais complexas, na qual ele poderia servir como apoio, e em casa realizavam propostas que não necessitavam de tanto monitoramento.

Essas abordagens distintas evidenciam a flexibilidade e a adaptabilidade dos professores diante do desafio de organizar o ensino em um contexto escalonado de forma situada, levando em consideração a realidade de cada turma da escola. Essas informações iniciais mostram que os professores enfrentaram desafios diversos durante o retorno presencial escalonado, adaptando-se de maneiras distintas ao revezamento e à organização do planejamento. Essas estratégias refletem a complexidade do ambiente educacional no escalonamento, onde a flexibilidade e a personalização se tornaram fundamentais para atender às necessidades específicas de cada contexto escolar. Dessa forma, Ferreira, Michel e Nogueira (2022) denotam no contexto de retorno parcial uma realidade desafiadora na qual os pais e/ou responsáveis são confrontados com a difícil tarefa de equilibrar diferentes aspectos, considerando não apenas a educação, mas também a segurança e o bem-estar de seus filhos e familiares.

Conforme discutido anteriormente, o ensino remoto emergencial apresentou desafios substanciais para os professores, impedindo um acompanhamento minucioso e individualizado de seus alunos. Nesse contexto, a retomada das aulas presenciais, se concentrou como uma etapa fundamental para mitigar essas lacunas e buscar estratégias que possam superar as dificuldades vivenciadas durante o período remoto emergencial. A modalidade escalonada de retorno demandou uma organização cuidadosa, considerando as estratégias diferenciadas para aulas presenciais e remotas.

Ainda sobre o escalonamento, os docentes apontam os desafios durante esse período de retorno parcial, “*Na organização das famílias, alguns não vinham, ou vinham na semana errada*” (Professor 6). Os participantes demonstram perspectivas distintas que variam desde compreender como uma ação eficiente, ressaltando apenas a falta de alguns alunos nas semanas corretas, além de referir-se a dificuldade de manter uma rotina com os estudantes, como demonstram os excertos abaixo:

Figura 4 – Excerto do questionário sobre os desafios do contexto da alfabetização



Não houve desafios, a organização foi tranquila, a única coisa ruim, era que alguns não vinham na semana que deveriam aí ficavam perdidos, sem a sequência de aulas. (Professor 1).

Fonte: Elaborada pelos autores com base no acervo da pesquisa (2023).

Diferente dos demais, o participante 4 expressou que a organização foi tranquila, destacando o alívio ao acompanhar o processo presencial, segundo o professor 4 “*Na organização não houve desafio, e sinceramente foi um alívio ver eles e acompanhar o processo*.” (Professor 4). Os participantes vinculados a contextos de educação de escolas do interior (zona rural), indicaram desafios relacionados à presença irregular dos alunos, evidenciando a complexidade na gestão do escalonamento.

À luz das experiências apresentadas pelos professores alfabetizadores, Nóvoa e Alvim (2021) destaca que as lições extraídas das experiências durante a pandemia revelaram um quadro complexo em relação às respostas educativas, considerando as três dimensões do modelo escolar: sistemas de ensino, escolas e pedagogia. Contudo, segundo o autor, as respostas mais assertivas vieram dos professores, destacando-se pela autonomia profissional e práticas colaborativas. A autonomia dos professores e as dinâmicas de colaboração emergiram como elementos pertinentes para superar os desafios pedagógicos impostos pela pandemia.

A seguir, destacam-se as percepções dos professores alfabetizadores mediante o contexto pós-pandêmico.

#### 4.4 “[...] Impactou bastante, pois acentuou a disparidade entre as crianças [...]”: Impactos e Adaptações pedagógicas no período Pós-Pandêmicas na Alfabetização

No contexto pós-pandêmico, a terceira dimensão temporal tornou-se essencial para compreender as reflexões e ajustes realizados pelos professores à medida que superam os desafios do ensino remoto emergencial e escalonado. As respostas destacaram a necessidade de readaptação das práticas de ensino, avaliação do impacto do ensino remoto emergencial na alfabetização e a incorporação de estratégias para lidar com as particularidades do período pós-crise. As percepções dos professores alfabetizadores sobre o impacto do retorno ao ensino presencial, após o período de ensino remoto durante a pandemia de COVID-19 destacou temáticas sobre avaliação dos efeitos do ensino remoto na alfabetização, adaptações nas práticas de ensino, apoio recebido, desafios enfrentados e estratégias adotadas no contexto pós-pandêmico. As respostas do questionário apontaram para as transformações e os ajustes nas práticas educacionais após o retorno presencial.

A fim de ampliar as análises, pensando no contexto pós-pandêmico, no que diz respeito ao impacto do ensino remoto emergencial, as respostas mostraram uma variedade de experiências. Para os professores entrevistados na pesquisa alguns alunos retornaram com habilidades de leitura prejudicadas, enquanto outros mantiveram ou desenvolveram essas habilidades, dependendo da participação e apoio das famílias. De acordo com os professores a diversidade de níveis de conhecimento exigiu abordagens diferenciadas, rompendo com práticas convencionais do período pré-pandêmico. A necessidade de múltiplos planejamentos foi destacada, demonstrando a importância de ajustar as práticas para atender às diferentes necessidades e realidades dos alunos, já que estavam em diferentes níveis de aquisição da leitura e da escrita.

As principais alterações nas práticas de ensino após a pandemia, emerge a ênfase na organização do planejamento. A diversidade de conhecimentos apresentada pelos alunos levou a ajustes significativos na estrutura dos planos de ensino. Ademais, propostas mais lúdicas, como atividades relacionadas a filmes e piqueniques, foram introduzidas para engajar os alunos. Além disso, algumas respostas apontaram a necessidade de focar no essencial, com uma seleção criteriosa de conteúdos essenciais pelo município. Quanto ao maior desafio do professor alfabetizador no contexto pós-pandêmico as respostas variaram entre a pressão causada por avaliações externas, a falta de interesse dos alunos e a necessidade contínua de despertar o gosto pela leitura.

Figura 5 – Excerto do questionário sobre os desafios do contexto da alfabetização

Acredito que os desafios sempre existiram independente da pandemia. O maior desafio é despertar o interesse pela leitura. (Professor 3).

O maior desafio é manter os alunos interessados, mas quando eles chegam ao primeiro ano, pelo menos na minha realidade, eles têm o desejo de querer aprender, então eu encontro dificuldade apenas com questões comportamentais. (Professor 4).

Fonte: Elaborada pelos autores com base no acervo da pesquisa (2023).

Alguns professores ainda destacaram que, embora a pandemia tenha apresentado desafios significativos, no cenário atual, as dificuldades não são tão acentuadas, naqueles que estão no início do processo de alfabetização. Quando perguntados sobre as estratégias para auxiliar na aprendizagem dos alunos, as respostas indicaram sugestões como: Implementação de ações a nível federal e estadual, reforço e o auxílio familiar, motivação por meio de carinho e afeto. Vale considerar que essas percepções são problemas já emergentes da Educação e se salientaram nesse contexto inédito de aprendizagem.

A percepção dos professores sobre o impacto do período de ensino remoto no desenvolvimento da leitura e escrita, revelaram diferentes perspectivas, destacando os desafios enfrentados pelos alunos para aprender a ler e a escrever. A maioria dos professores expressou uma visão negativa do impacto do ensino remoto no desenvolvimento da leitura e escrita. Uma professora ressaltou que o período acentuou a disparidade entre os alunos, segundo ela [...] **impactou bastante, pois acentuou a disparidade entre as crianças, compreendo que cada criança é única, tem especificidades, no entanto se acentuou aqueles que receberam auxílio e os que não receberam.** (Professor, 1), evidenciando as diferenças naqueles que receberam auxílio e aqueles que não receberam. Isso possibilita refletir que a falta de apoio durante o ensino remoto emergencial contribuiu para ampliar as desigualdades já existentes, como destaca a alfabetizadora a seguir:

Figura 6 – Excerto do questionário sobre as percepções do retorno ao presencial

Acredito que tenha "atrasado" esses processos, mas para os alunos que de fato estavam na alfabetização no período de pandemia, meus alunos desse ano já não demonstram essas consequências, pois estavam na Educação Infantil, então eu precisei trabalhar o companheirismo, mas só isso, de resto eles progrediram normalmente.  
(Professor 4).

Fonte: Elaborada pelos autores com base no acervo da pesquisa (2023).

A constatação de que a disparidade entre as crianças foi acentuada ressalta a influência direta das condições de suporte, destacando a importância do auxílio recebido durante esse período. Essa observação corrobora com perspectivas teóricas que destacam a relevância de fatores externos, como o apoio familiar, para o sucesso educacional, especialmente em contextos desafiadores como o ensino remoto. A percepção de que o ensino remoto emergencial teve impactos mais severos naqueles que não participaram ativamente das atividades é uma constante nas respostas. Nesse sentido, vale referir que

[...] o processo de ensino, assim como, também, acentua os abismos sociais entre os estudantes, porquanto aqueles sem quaisquer condições de estudar remotamente, por não possuírem meios materiais, estão à margem e acabam por ser os maiores prejudicados no processo. (Moisés; Pereira, 2023, p.63).

Além disso, a ideia de que o processo foi “atrasado” para alguns alunos, mas não de forma generalizada, sugere que a gravidade dos impactos pode variar dependendo do estágio de alfabetização dos alunos durante o período da pandemia. As respostas ressaltaram que o impacto não foi uniforme e que alunos em diferentes estágios de aprendizagem puderam ter experiências distintas.

Nas perspectivas gerais, as respostas indicaram um cenário desafiador para os professores alfabetizadores no pós-pandêmico, marcado pela busca por estratégias adaptativas, a necessidade de apoio substancial, bem como a importância de considerar as nuances individuais dos alunos para garantir um processo de aprendizagem qualificado. Além de ser desafiador, esse período foi marcado por ajustes significativos nas práticas de ensino, exigindo flexibilidade e adaptação por parte dos professores para atender às diferentes realidades dos alunos no retorno ao ensino presencial. Nesse sentido, podemos entender que o retorno ao presencial decorreu de uma transição complexa para uma nova normalidade educacional, demandando estratégias diferenciadas e uma abordagem mais personalizada para a alfabetização.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo se propôs a promover reflexões sobre o contexto da pandemia e pós-pandemia, objetivando identificar a compreensão das percepções de um grupo de professores alfabetizadores de uma cidade do interior da região Sul do Brasil. A análise das respostas obtidas por meio do questionário permitiu uma imersão no cenário desafiador enfrentado pelos educadores durante esses períodos excepcionais, oferecendo conhecimentos sobre os impactos no processo de alfabetização. Os relatos dos professores revelaram ações e percepções importantes, desde as adaptações pedagógicas emergenciais no ensino remoto até os desafios e estratégias enfrentados no contexto escalonado e pós-pandêmico. Dessa forma, ao atingir esse objetivo, compreendemos as complexidades enfrentadas pelos educadores e também estabelecemos reflexão aprofundada que pode repercutir e contribuir para práticas e ações emergentes direcionadas a gestores educacionais e formuladores de políticas públicas.

Os dados forneceram subsídios para o desenvolvimento de saberes que possam efetivamente promover o direito à educação de qualidade, especialmente no que tange a alfabetização. Ao longo das análises das respostas dos professores, observamos um panorama abrangente sobre o impacto da pandemia na educação, com foco nos períodos de ensino remoto, retorno parcial às aulas presenciais (escalonamento) e o cenário pós-pandêmico. Os desafios enfrentados pelos professores incluíram a dificuldade de engajamento dos alunos e das famílias, a falta de acesso à tecnologia e a necessidade de diversificação nas estratégias de alfabetização que influenciaram no desenvolvimento da leitura e da escrita. Os desafios foram variados, incluindo a irregularidade na presença dos alunos, desinteresse e a necessidade de readaptação. No entanto, destacou-se a importância da adaptação às novas realidades dos alunos, com a necessidade de múltiplos planejamentos e estratégias diferenciadas.

Este estudo possibilitou compreender como essas realidades distintas foram percebidas e vivenciadas pelos docentes, demonstrando que em muitos aspectos se aproximam de experiências de outros docentes, porém salvaguardando as singularidades deste grupo de professores alfabetizadores.

## Referências

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. (2023). *Compromisso Nacional Criança Alfabetizada*. Disponível em: <https://www.gov.br/compromisso-nacional-crianca-alfabetizada>. Acesso em: 25 dez. 2023.

COLELLO, Silvia M. Gasparian. *Alfabetização em tempos de pandemia*. Conventit Internacional 35 Cemoroc-Feusp, 2021. Disponível em: <http://www.hottopos.com/conventit35/Silvia.pdf>. Acesso em 28 nov. 2024.

FERREIRA, Carmen; MICHEL, Caroline; NOGUEIRA, Gabriela. O “novo normal” no cotidiano das escolas: desafios para alfabetização na perspectiva de duas professoras. *Revista Linhas*, v. 23, n. 51, 2022.

GIL, Antonio. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

KANNENBERG, Vanessa. *Governo publica decreto que torna obrigatório o retorno às aulas presenciais no RS*, 2021. Disponível em: <https://estado.rs.gov.br/governo-publica-decreto-que-torna-obrigatorio-o-retorno-as-aulas-presenciais-no-rs>. Acesso em: 12 dez. 2023.

MACEDO, Maria do Socorro; CARDOSO, André. Alfabetização de crianças na pandemia da Covid-19 no Brasil: uma análise estatístico-descritiva. In: MACEDO, Maria do Socorro (Org.). *Retratos da alfabetização na pandemia da covid-19: retratos de uma pesquisa em rede*. 1. ed. São Paulo: Pá de Palavra, 2022. v. 1, p. 17-32.

MACHADO, Ana Lucia; GIOVANI, Fabiana. Reinventar a prática: alfabetização e letramento na perspectiva discursiva em tempos de isolamento social. *Revista Brasileira de Alfabetização*. 2022.

MAINARDES, Jefferson. Alfabetização em tempos de pandemia. In: CORREA, Bárbara da Silva Santos et al. (Orgs.). *Políticas e práticas de alfabetização*. Rio de Janeiro: Fórum Estadual de Alfabetização do Rio de Janeiro: VW Editora, 2021.

MINGOTE, Bianca. Decretado fim da emergência sanitária global de Covid-19. 2023. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2023/05/08/decretado-fim-da-emergencia-sanitaria-global-de-covid-19>. Acesso em: 12 dez. 2023.

NÓVOA, António; ALVIM, Yara Cristina. Os professores depois da pandemia. *Educação & Sociedade*, v. 42. 2021.

PEREIRA, Venâncio Guedes; MOISES, Abraão Rafael Lima. IMPACTOS DA PANDEMIA DO COVID-19 NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO NAS ESCOLAS BRASILEIRAS: UM LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO (2020-2022). *Revista Enfil*, v. 2, n. 17, 2023.

PORTO ALEGRE. Governo do Estado do Rio Grande do Sul. Decreto nº 56.171, de 29 de outubro de 2021. *Diário Oficial do Rio Grande do Sul, Nº 216 - 2ª edição, p. 9*. Disponível em: <https://www.estado.rs.gov.br/upload/arquivos/decreto-56-171-29out21.pdf>. Acesso em: 13 dez. 2023.

SOARES, Magda Becker. *Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e escrever*. São Paulo: Contexto, 2007.

TASSONI, Elvira Cristina Martins; BRITO, Antonia Edna. A alfabetização em tempos de pandemia: tensões, desafios e a persistência de professoras. *Cadernos de Educação*. 2022.

VOSGERAU, Dilmeire Sant’Anna Ramos; MEYER, Patrícia; CONTRERAS, Ricardo. Análise de dados qualitativos nas pesquisas sobre formação de professores. *Revista Diálogo Educacional*, v. 17. 2017.

Recebido em: 30/03/2025

Aprovado em: 10/06/2026





